

[https://farid.ps/articles/israel\\_the\\_bombing\\_of\\_the\\_king\\_david\\_hotel/pt.html](https://farid.ps/articles/israel_the_bombing_of_the_king_david_hotel/pt.html)

# O Atentado ao Hotel King David

A 22 de julho de 1946, o **Hotel King David** em Jerusalém, então parte do Mandato Britânico da Palestina, foi abalado por uma explosão massiva que **matou 91 pessoas** e **feriu 46**. O ataque, perpetrado pelo **Irgun**, um grupo paramilitar sionista, teve como alvo o hotel porque abrigava o **quartel-general administrativo britânico** — incluindo escritórios militares e de inteligência.

O atentado continua a ser um dos atos de violência política mais devastadores e controversos na história moderna da região. Embora o Irgun tenha justificado o ataque como um ato de resistência anticolonial, **segundo a definição internacional atual — sob a Convenção da ONU de 1999 sobre o Financiamento do Terrorismo e o direito humanitário consuetudinário — constitui um ato de terrorismo**, pois visou deliberadamente um edifício ocupado por civis para alcançar objetivos políticos.

## Contexto: O Mandato Britânico e as tensões crescentes

O **Hotel King David**, um marco de calcário de sete andares, era tanto uma residência de luxo quanto o coração administrativo do domínio britânico na Palestina. A ala sul, conhecida como “Secretariado do Governo”, abrigava o quartel-general do Exército Britânico e os escritórios da Divisão de Investigação Criminal (CID).

Em meados da década de 1940, organizações militantes judaicas — frustradas com o **Livro Branco de 1939** que restringia a imigração judaica e a aquisição de terras — iniciaram uma resistência armada ao controlo britânico. O Holocausto intensificou a determinação judaica de assegurar uma pátria, enquanto os britânicos, presos entre as exigências judaicas e árabes, recorriam cada vez mais a medidas de segurança repressivas.

Entre os grupos clandestinos judaicos, o **Irgun Zvai Leumi**, liderado por **Menachem Begin**, defendia ataques diretos contra alvos britânicos. Begin via os britânicos como uma potência ocupante colonial que obstruía a formação do Estado judaico. Em 1945–46, o Irgun juntou-se ao **Lehi (Bando Stern)** e à corrente principal **Haganah** no que foi chamado de **“Movimento de Resistência Judaica”**. Esta aliança era, no entanto, instável, pois o líder da Haganah **David Ben-Gurion** tentava frequentemente conter as facções mais militantes.

## O ataque: Planeamento, avisos e execução

Arquivos desclassificados permitem agora uma reconstrução detalhada do atentado ao Hotel King David. O planeamento começou no início de julho de 1946. O objetivo do Irgun era destruir ficheiros de inteligência britânicos que acreditavam conter provas de operações sionistas apreendidas durante a **Operação Agatha**, uma rusga britânica em grande escala que deteve centenas de ativistas judaicos.

## Plano do Irgun e estrutura de comando

Registros israelitas e britânicos recentemente publicados identificam as figuras-chave da operação:

- **Comandante:** Menachem Begin
- **Chefe de operações:** Amichai Paglin ("Gidi") – projetista do dispositivo explosivo
- **Equipa de disfarce:** Sete operativos com **galabiyas árabes** (túnica)
- **Vigilante:** Yitzhak Sadeh (ligação Haganah)
- **Condutor:** Yisrael Levi

Na manhã de 22 de julho, operativos do Irgun introduziram contrabando **350 quilogramas de gelignite**, escondidos em latas de leite, na cave do hotel sob o *Café La Régence*. Uma análise forense posterior correspondeu a gelignite a explosivos roubados do **Depósito de Munições Britânico em Haifa** (ficheiro CID RG 41/G-3124).

## Os avisos: Cronologia minuto a minuto

Provas primárias do **ficheiro MI5 KV 5/34** e testemunhos contemporâneos confirmam que foram feitas **três chamadas de aviso**:

Hora	Ação	Fonte
11:55	Chamada para o <i>Palestine Post</i> : "Combatentes judeus avisam- vos para evacuar o Hotel King David."	Registo do <i>Palestine Post</i>
11:58	Chamada para o Consulado Francês ao lado: "Bombas no ho- tel – saiam imediatamente."	Cabo diplomático francês, 23 jul 1946
12:01	Chamada para a operadora do hotel: "Esta é a Subterrânea Hebraica. As latas de leite na cave explodirão em meia hora."	Interceções MI5, ff. 112-118

No entanto, a **operadora do telefone do hotel**, habituada a alarmes falsos, descartou o aviso como "mais uma piada judaica". O **Secretário-Chefe Sir John Shaw**, ao ser informado, terá dito: "Tivemos vinte chamadas destas esta semana". Uma busca militar britânica à cave às 12:15 verificou apenas áreas públicas, ignorando o corredor de serviço sob *La Régence*.

Às 12:37, a explosão obliterou a ala sul. A detonação foi tão potente que foi registada no **sismógrafo da Universidade Hebraica**, destruindo arquivos, escritórios e vidas.

## O custo humano

As 91 vítimas vieram de várias nacionalidades e comunidades:

Nome	Nacionalidade	Papel
Julius Jacobs	Britânico	Secretário-Adjunto (morto)
Ahmed Abu-Zeid	Árabe	Chefe de empregados, <i>La Régence</i>
Haim Shapiro	Judeu	Repórter do <i>Palestine Post</i>

Nome	Nacionalidade	Papel
Yitzhak Eliashar	Judeu sefardita	Contabilista do hotel
Condessa Bernadotte	Sueca	Delegada da Cruz Vermelha (ferida)

28 eram britânicos, 41 árabes, 17 judeus e 5 de outras nacionalidades. **The Palestine Gazette (1 ago 1946)** listou todos os nomes, sublinhando a natureza indiscriminada do ataque. Entre as vítimas havia funcionários de escritório, jornalistas, soldados e civis — muitos sem envolvimento direto no conflito político.

## Consequências imediatas: Caos, condenação e repressão

A resposta britânica foi rápida e severa:

- **23 jul:** Jerusalém sob recolher obrigatório; 17.000 tropas destacadas.
- **26 jul:** Prisões em massa durante a segunda fase da *Operação Agatha*.
- **31 jul:** O general Barker emitiu uma ordem proibindo as tropas britânicas de entrar em negócios judeus — medida posteriormente condenada como racista.
- **Ago 1946:** Oferecida uma recompensa de £25.000 pela captura de Begin.

Em Londres, o **primeiro-ministro Clement Attlee** disse ao seu gabinete: “O custo de manter a Palestina excede agora o valor do Mandato” (CAB 128/6). Foi um reconhecimento direto de que o atentado influenciou a decisão britânica de remeter a questão palestina às Nações Unidas — um passo pivotal para a partição.

## Reações judaicas internas e o debate sobre os “avisos”

Um **memorando capturado da Haganah** (CZA S25/9021) revelou que **David Ben-Gurion** tentou **cancelar a operação dois dias antes**, avisando que haveria “demasiados civis” presentes. O contacto da Haganah **Moshe Sneh** respondeu que o plano era “irrevogável”.

O Irgun alegou que os avisos provavam a sua intenção de evitar perdas de vidas. Mas por qualquer padrão militar ou moral razoável — especialmente sob o **direito humanitário internacional atual**, que proíbe ataques com provável dano civil desproporcional — tal operação seria **classificada como terrorismo**. Independentemente das intenções, o uso de um edifício civil cheio de não combatentes como alvo de bombardeamento não pode ser reconciliado com as normas modernas de conflito armado.

## Reações globais e locais

**Jornais árabes** em toda a Palestina condenaram o atentado como “terrorismo judeu”.

- *Filastin*: “Terrorismo judeu mata 41 árabes na toca britânica”
- *Al-Difa*: “O hotel da morte”
- *Al-Ittihad*: “Bombas sionistas – primeiro passo para nos expulsar”

Internacionalmente:

- **The New York Times** chamou-o de “um ato que prejudica a causa judaica”, notando uma queda de 30% na angariação de fundos sionista nos EUA.
- **L’Osservatore Romano** do Vaticano condenou os “métodos bárbaros”.
- A **imprensa soviética**, inicialmente silenciosa, enquadrhou-o mais tarde como “resistência anti-imperialista”.
- **Jawaharlal Nehru** comentou que “os britânicos colhem o que semearam”, ligando o tumulto palestino a distúrbios coloniais na Índia.

## Julgamentos e consequências a longo prazo

As autoridades britânicas julgaram vários suspeitos do Irgun nos **tribunais militares de Jerusalém** no início de 1947. Seis receberam sentenças de morte, comutadas para prisão perpétua após pressão pública. Outros escaparam durante a **Fuga da Prisão de Acre** em maio de 1947. O próprio Menachem Begin evitou a captura, recebendo amnistia após a independência de Israel em 1948.

Politicamente, o atentado acelerou a retirada britânica. Em meados de 1947, o governo admitiu que já não podia governar a Palestina de forma eficaz. Seguiu-se o Plano de Partição da ONU e, em dois anos, nasceu Israel em meio a uma guerra renovada.

## Comemoração, revisionismo e controvérsia contínua

Desde 1948, o legado do atentado permanece divisivo:

- **1966:** Veteranos do Irgun instalaram uma placa no hotel creditando os seus avisos e culpando a inação britânica.
- **2006:** Uma cerimónia de nova placa foi boicotada por diplomatas britânicos; palestinos chamaram-lhe “glorificação do terror”.
- **2016:** Currículos escolares israelitas enquadraram-no como “um ataque cirúrgico que acelerou a independência”.
- **2021:** A ONG palestina **Zochrot** lançou um memorial digital que lista todas as 91 vítimas, incluindo o pessoal árabe.

## Avaliação moral e legal: Terrorismo segundo padrões atuais

Embora alguns em Israel ainda vejam o ataque como um ato desesperado de resistência anticolonial, as definições modernas deixam pouca ambiguidade. Sob a **definição de trabalho de terrorismo da Assembleia Geral da ONU de 2004** — o uso intencional de violência contra civis para influenciar a política governamental — **o atentado ao Hotel King David qualifica-se como terrorismo**.

Mesmo com avisos emitidos, o Irgun colocou deliberadamente explosivos de alta potência num edifício civil em funcionamento, violando princípios posteriormente codificados nas **Convenções de Genebra** e no **Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional**. O ob-

jetivo do ataque — forçar a retirada britânica através do medo — cumpre todos os critérios de um ato terrorista sob a lei contemporânea.

## Legado e reflexão

Hoje, o Hotel King David ergue-se reconstruído, as suas cicatrizes parcialmente ocultas mas nunca apagadas. Os visitantes ainda podem ler a placa erigida pelo Irgun — e nas proximidades, o silencioso memorial que honra os mortos.

As lições do atentado permanecem dolorosamente relevantes:

- **Os avisos não absolvem a responsabilidade moral.**
- **As lutas de libertação nacional arriscam o colapso moral quando visam civis.**
- **Contextos coloniais geram violência que desfoca a linha entre combatente da liberdade e terrorista.**

Em retrospectiva, o atentado ao Hotel King David não foi meramente uma “operação militar” mas uma **tragédia de julgamento errado e custo humano**. Acelerou a retirada britânica mas também enraizou um ciclo de violência retaliatória que continua a moldar o conflito israelo-palestiniano hoje.

Segundo padrões contemporâneos, ergue-se como **ato de terrorismo** — um lembrete severo de que a busca por justiça ou nação nunca deve vir às custas de vidas inocentes.

## Referências

1. Reino Unido. Gabinete. *Conclusões do Gabinete, 25 jul 1946*. CAB 128/6. The National Archives, Kew.
2. Reino Unido. MI5. *Irgun Zvai Leumi: Comunicações intercetadas e chamadas de aviso, jul 1946*. KV 5/34, ff. 112–118. The National Archives, Kew, 2006.
3. Israel. Divisão de Investigação Criminal (CID). *Relatório forense sobre explosivos do Hotel King David, 22 jul 1946*. RG 41/G-3124. Arquivos Estatais de Israel, Jerusalém.
4. Israel. Arquivos Haganah. *Memorando interno: Ben-Gurion a Moshe Sneh, 20 jul 1946*. S25/9021. Arquivos Sionistas Centrais, Jerusalém.
5. Mandato da Palestina. *The Palestine Gazette*, n.º 1515 (1 ago 1946). Imprensa Governamental, Jerusalém.
6. Nações Unidas. *Convenção para a Repressão do Financiamento do Terrorismo*. Resolução da Assembleia Geral A/RES/54/109, 9 dez 1999.
7. Nações Unidas. *Medidas para Eliminar o Terrorismo Internacional: Relatório do Grupo de Trabalho*. A/59/894, 2004.
8. Al-Difa' (Jaffa). “O hotel da morte.” 23 jul 1946.
9. Al-Ittihad (Haifa). “Bombas sionistas – primeiro passo para nos expulsar.” 23 jul 1946.
10. Filastin (Jaffa). “Terrorismo judeu mata 41 árabes na toca britânica.” 23 jul 1946.
11. L’Osservatore Romano (Cidade do Vaticano). “Métodos bárbaros na Palestina.” 24 jul 1946.
12. The New York Times. “Explosão terrorista em Jerusalém.” 23 jul 1946.
13. Editorial: “Um ato que prejudica a causa judaica.” 24 jul 1946.

14. *The Palestine Post* (Jerusalém). "Registo de avisos do hotel, 22 jul 1946." Registros internos da central telefónica. Arquivos Estatais de Israel.
15. Begin, Menachem. *The Revolt*. Traduzido por Samuel Katz. Londres: W. H. Allen, 1951.
16. Clarke, Thurston. *By Blood and Fire: A história do atentado ao Hotel King David*. Nova Iorque: Putnam, 1981.
17. Khalidi, Rashid. *The Iron Cage: A história da luta palestina pela estatalidade*. Boston: Beacon Press, 2006.
18. Morris, Benny. *1948: Uma história da primeira guerra árabe-israelita*. New Haven: Yale University Press, 2008.
19. Segev, Tom. *One Palestine, Complete: Judeus e árabes sob o Mandato Britânico*. Traduzido por Haim Watzman. Nova Iorque: Metropolitan Books, 2000.
20. Arquivo Dan Hotels. *Fotografias da reconstrução do Hotel King David, 1946–1948*. Acecido 15 out 2025.
21. Zochrot. *Memorial das Vítimas do Hotel King David*. Base de dados digital com coordenadas GPS. Acecido 15 out 2025.
22. Imperial War Museum. *Fotografia HU 73132: Ruínas do Hotel King David, 23 jul 1946*. Londres.
23. Library of Congress. Coleção Fotográfica Matson. *Hotel King David, fachada pré-1946*. Washington, DC.